

# Um estudo sobre felicidade e trabalho docente No município de Agudo/RS

## A study on happiness and teaching workin the municipality of Agudo/RS

◆ Dejalma Cremonese e Daiane Maira Soccá

### RESUMO

Propõe-se, neste artigo, trazer reflexões sobre a concepção de felicidade no trabalho docente no município de Agudo/RS, com a intenção de compreender as representações de felicidade no trabalho de docentes da rede de ensino do município. Objetiva-se analisar e refletir em que medida as condições de trabalho docente impactam nos níveis de felicidade apartir de categorias com o modelo salarial, papel político e social do trabalhador docente, condições de trabalho desiguais, emoções, a concepção de felicidade de cada docente em seu modo de viver. Este artigo justifica-se pela necessidade de promover um estudo mais aprofundado sobre o tema felicidade no âmbito do trabalho docente na área das ciências sociais, pois considera-se que a temática se caracteriza como relevante e atual, podendo reunir informações que contribuam com a compreensão das representações da felicidade e práticas contemporâneas e com futuras pesquisas sobre o tema. O público-alvo foi docentes, do turno da noite, da Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos, localizada no município de Agudo/RS. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa e utilizará ferramentas metodológicas como análise bibliográfica, pesquisa documental e questionário. Conclui-se que os pesquisados internalizam suas emoções e perspectivas no ambiente de trabalho, como um modo de realização pessoal e missão de vida. De um modo geral, são profissionais que precisam ser incentivados e mobilizados com frequência, e necessitam, antes de tudo, sentirem-se parte do processo, como um ser promissor em seu potencial, e, assim, sentirem-se felizes e protagonistas de sua trajetória de vida e profissional.

### Palavras-chave

Felicidade.TrabalhoDocente.Bem-estar.

### ABSTRACT

*This article proposes to bring reflections on the concept of happiness in teaching workin the municipality of Agudo/RS is proposed, with the intention of understanding the representations of happiness in the work of teachers in the municipal education network. The objective is to analyze and reflect to what extent the working conditions of teachers impacton their levels of happiness, stemming from categories suchas salary model, political and social role of the teaching work force, unequal working conditions, emotions, the conception of happiness of each teacher in their way of living. This article is justified by the need to promote a more in-depth study on the theme of happiness within the scope of teaching work, as it is considered that*

*the theme is characterized as relevant and current, being able to gather information that contributes to the understanding of their presentations of happiness and contemporary practices and also with future research on the topic. The target audience was twenty-one teachers, from the night shift, from the State School of Basic Education Professor Willy Roos, located in the city of Agudo/RS. This is a search with a qualitative and quantitative approach and will utilize methodological tools such as bibliographic analysis, documentary research, questionnaires. It is concluded that teachers internalize their emotions and perspectives in the work environment, as a way of personal fulfillment and life mission. In general, they are professionals who need to be encouraged and mobilized frequently, and they need, above all, to feel part of the process, as a promising potential, and thus feel happy and the protagonist of his life and professional trajectory.*

### **Keywords**

Happiness. Teaching Work. Welfare.

## **Introdução**

Na posição de docente, pensa-se a partir da prática diária como professores e trabalhadores da instituição escolar, na interação e convivência com o meio docente, a necessidade de promover uma reflexão mais aprofundada sobre o tema felicidade. Pensar sobre felicidade não é um exercício recente, faz parte do conhecimento humano, indo muito além do que se pode imaginar. Para tais questionamentos se faz necessário pensar a temática da felicidade como um tema de interesse social e científico.

Nesse sentido, o que me motivou a estudar esse tema felicidade foi justamente perceber e acompanhar a rotina diária no trabalho da escola, e, a partir disso, como curiosidade, tentar perceber esse espaço num viés mais humanizado, da essência do ser professor, do bem-estar, da felicidade, e assim perceber melhor a realidade desse ambiente, na condição de docente e na interação e convivência com o meio docente. O tema felicidade sempre me instigou curiosidade e, desse modo, surgiu a oportunidade de estudar melhor sobre o assunto.

Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade de promover uma análise mais aprofundada sobre o tema no âmbito do trabalho docente com o objetivo de compreender como representações sobre felicidade impactam no trabalho docente, na felicidade, ou na busca pelo entendimento de sua natureza. É um assunto que vem ocupando a mente de inúmeros pensadores ao longo da história humana no campo da Filosofia, Sociologia e tem encontrado, nas últimas décadas, um espaço singular nas pesquisas acadêmicas com maior afinidade nas Ciências Sociais, que, por sua vez, contribuem para um modo de pensar a experiência humana com o cotidiano.

É importante destacar que a temática da felicidade, na contemporaneidade, é muito falada, mas é pouco estudada cientificamente e não existe como um conceito já pronto e acabado, apenas o que a sociedade sinaliza e entende por felicidade. O conceito de felicidade, nos dias de hoje, parece ser um conceito imposto por uma sociedade que está sempre em busca de algo, para suprir desejos,

angústias e que necessita estar feliz em todo momento e a qualquer horado dia.

Dessa forma, é importante tentar compreender representações de felicidade no trabalho de docentes, ou seja, como os docentes significam a felicidade no seu trabalho, que é fundamental para a sua subjetividade no papel social e lugar político, visto que, para estudar a felicidade, tanto na perspectiva individual quanto na perspectiva social, deve ser incluído o estudo da vida no trabalho. Aqui, refere-se ao trabalho como a atividade laboral, remunerada, exercida pelos docentes. Já o termo felicidades erá tratado como sinônimo de bem-estar subjetivo, porém será entendido como descrito na concepção teórica dos referidos autores.

Para a problemática se faz a seguinte pergunta: Em que medida as condições do trabalho docente impactam nos níveis de felicidade? Ou melhor, como os docentes significam a felicidade na sua rotina de trabalho e na sua vida? É importante perguntar também em que medida as representações de felicidade perpassam pelo trabalho docente. Os docentes, mesmo em condições contrárias, como sexo, idade, formação, condição salarial e de trabalho, têm uma expectativa de felicidade que pode ser refletida nas práticas e representações?

Os sujeitos que fizeram parte do universo desta pesquisa são docentes da Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos, do município de Agudo – RS. O recorte foi realizado com vinte e um docentes ativos da referida instituição, sendo que quinze são mulheres e seis, homens, com formações nas áreas das humanas, natureza, matemática e linguagens. Para o questionário, foram consideradas condições diversas como sexo, idade, formação, realização pessoal, bem-estar, condição salarial e de trabalho. Este estudo perpassa por reflexões a partir da passagem da sociedade moderna para contemporânea, focando principalmente no modo como ela se constrói nos aspectos sociológicos do tema da felicidade no âmbito institucional, representadas no trabalho docente.

Este artigo busca compilar conceitos e teorias dos campos de estudos da Felicidade e será dividido em capítulos, nos quais refletiremos primeiramente sobre a felicidade a partir de alguns elementos estruturais da vida em sociedade, o modo de vida excessivo na sociedade contemporânea e dentro da esfera do trabalho docente. Na sequência, uma análise da felicidade a ser estudada enquanto ciência, as emoções, as relações políticas e o bem-estar. Ainda será analisado, após o questionário, em outro capítulo, o resultado da análise com os docentes.

## Felicidade

O tema da felicidade é oriundo da filosofia, principalmente da ética aristotélica. Reformular e retratar esse tema sociologicamente requer romper com a ética. Acreditamos que o sociólogo tem interesse em buscar representações de felicidade e verificar se essas representações são relevantes para os grupos humanos. Esse tipo de abordagem satisfaz alguns pressupostos metodológicos, há uma vinculação empírica, uma abordagem desligada da filosofia, não desejo saber se os investigados são felizes ou se há uma interpretação verdadeira da felicidade. Certamente é preciso assumir alguns pressupostos, práticas que levam a compreender o conceito de felicidade.

O termo felicidade, de acordo com Marcondes (2006), refere-se à qualidade ou ao estado de ser feliz, caracterizando-se como um estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas. A felicidade pensada por autores do período pós-moderno é percebida como escolhas da existência, ou seja, não mais como algo a ser atingido, mas como algo relativo, de modo interrupto, surgindo na medida em que a afirmamos. O período chamado pós-moderno define-se, por sua vez, como um período em mudança, caracterizado por uma sociedade líquida, fluida, marcada por muitas diferenças, uma sociedade mais tolerante, com uma ampla variedade de estilos de vida diferentes entre si, que perpassam os tempos até os dias atuais.

De acordo com Bauman (2007), pressupõe-se que felicidade pode ser vista ainda como uma “violência legítima”, algo opressor da sociedade pós-moderna, aquela felicidade que nos obriga a ser feliz o tempo todo e que, em certos momentos, estamos inseguros, acreditamos estar no lugar errado, que nunca seremos felizes, queremos viver outros tempos, que nos remete a voltar a nossa pergunta sobre o que é felicidade. De fato, adia-se de acordo com as circunstâncias da vida, ou, melhor dizendo, na contemporaneidade parece estar tudo esquecido, opera-se numa perspectiva de consumismo desenfreado.

Assim, conforme Bauman (2008), a sociedade atual é composta por apenas negócios, o ser humano está sempre em busca de mais, tudo é relativo, buscam-se sempre bens materiais, nunca estamos satisfeitos. O desejo pelo mais seria o absoluto, pelas realizações, isso é a prova da dimensão transcendente, algo mais que não se sabe o que é de fato. Nessa lógica, nas condições da pós-modernidade, podendo discutir as transformações do mundo moderno nos últimos tempos, Bauman (2001) traz um conceito mais ideológico, no qual caracteriza essas mudanças usando o termo “líquido”, pelo qual se demonstra a fragilidade desse tempo que tudo flui, que nada é tão duradouro e que reforça esse estado temporário das relações sociais, do bem-estar e da felicidade.

Nesse sentido, Lipovetsky nos coloca outros fatores de que a sociedade pós-moderna, marcada pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais,

sociais e políticas e por uma cultura aberta, que caracteriza a regulação das relações humanas em que predominam tolerância, hedonismo, personalização dos processos de socialização e consumo em excesso, precisam ser pensados. Para o autor, a felicidade na sociedade hipermoderna se caracteriza pelo imediatismo, pela procura sem fim do sentido da vida e realização individual, pela sensação de prazer, um tempo em que o excesso e o vazio se confrontam e, por consequência, podem ser refletidas no exercício da docência. Fazendo uma análise mais criteriosa, o termo felicidade, na contemporaneidade, de acordo com os autores aqui citados, está ligado à imagem de uma sociedade capitalista, liberal, que, por sua vez, impulsiona-nos a compreender que a felicidade provém somente a partir de um bem material, do consumo exagerado, do excesso da busca de modo desenfreado de uma satisfação para os desejos. Essa trajetória do moderno, pós-moderno até o período da contemporaneidade é um ambiente de muitos contrastes em que mudanças e acontecimentos desastrosos dão a ideia de uma deserção social em grande escala ocorrida na trajetória humana. Nos dias de hoje, vivemos num mundo sobre o poder das imagens, através das quais as empresas, os governos, os políticos, os indivíduos, os grupos agem com a consciência de que a imagem se transformou num mercado de maior valorizado do que seu equivalente real.

Bauman e Lipovetsky fazem uma relação sobre a temática da felicidade com as transformações ao longo do tempo, com especial destaque para a sociedade de consumo, na qual a felicidade é sentida nas coisas materiais como um consenso entre a paz interior e o bem-estar exterior, a satisfação, ou seja, aquela felicidade momentânea contida nas emoções. Bauman, através de seus estudos, auxilia a pensar e expor a face desumana numa sociedade estratificada, na qual as relações escorrem pelos dedos em uma necessidade de reinventar e redefinir os valores da atualidade, nada é permanente e duradouro. Numa intensa busca do seu bem-estar e uma supervalorização do eu, o indivíduo torna-se frágil e vulnerável à medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo, estimulado pelo consumismo, foi esvaziando o sujeito a tal ponto que sua força para lutar pelos ideais comunitários foi se enfraquecendo. O autor, em *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), faz um paralelo com Freud e fundamenta que a modernidade se constituiu primeiramente sobre um excesso e depois sobre uma escassez de liberdade, trocando a possibilidade de segurança pela felicidade, caindo na armadilha da insegurança e causando um mal-estar. Desse modo, descrever o que seria felicidade, na visão dos autores já citados até o momento, é pensar a felicidade num modo mais complexo ou como em pequenas sensações vividas durante nosso dia a dia e que perpassam por diversos tempos e espaços em nossa sociedade, um desafio no campo das ciências sociais.

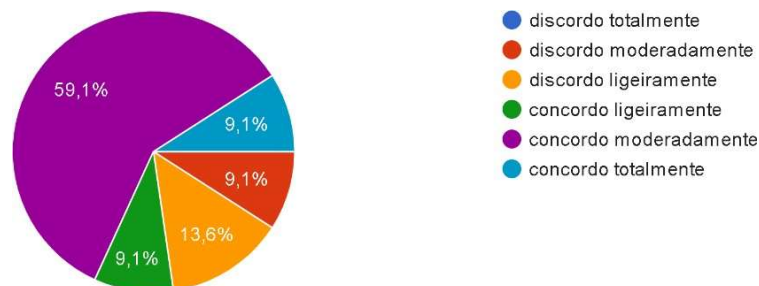
Atualmente, a felicidade é considerada um valor extremamente importante, amparada por lei, através de uma emenda ao artigo 6º da Constituição Federal Brasileira, que inclui o direito à busca

da felicidade por cada indivíduo e pela sociedade, colocado junto como direito à educação, saúde, previdência social, proteção, maternidade e infância.

Greve (2013) destaca muitas questões, dentre elas concepções sobre a medição da felicidade. Greve afirma que a felicidade é o que cada indivíduo acredita e pensa da sua trajetória de vida em diferentes momentos, as expectativas para um tempo que há de vir. Considera ainda que a felicidade pode ser medida considerando a renda de um indivíduo, a saúde, a desigualdade no meio que vive, nos laços de confiança com as pessoas mais próximas, no trabalho e as relações estabelecidas no meio que se relaciona.

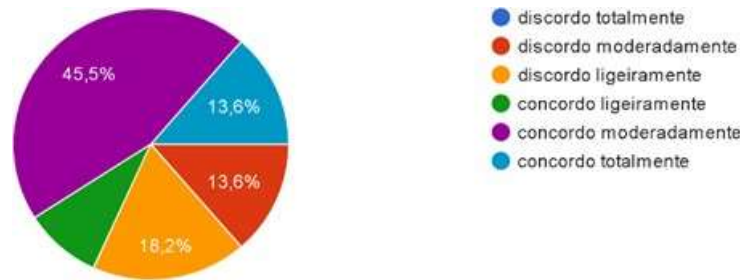
Em outra perspectiva, a felicidade é pensada na ótica da psicologia positiva. Conforme Achor (2012), na sua obra intitulada *O jeito Harvard de ser feliz* (2012), para encontrar a felicidade em espaços como escola, empresa, país, sociedade, temos que nos empenhar, ter sucesso, ter dinheiro e atingir metas. O autor nos coloca que estudos da psicologia positiva e da neurociência comprovam que a Felicidade precede sucesso e a Felicidade e otimismo promovem o desempenho e a realização.

Conforme o questionário realizado com os docentes, representado no gráfico abaixo, que representa a realização profissional, 59,1% dos que responderam são realizados em sua profissão de modo moderado, ou seja, a felicidade ocorre a partir do sucesso e da realização dentro de seu espaço de trabalho.



**Fonte:** Gráfico representa o resultado do questionário on-line aplicado no campo de pesquisa

A felicidade é muito mais que uma sensação boa, a felicidade leva ao sucesso em praticamente todos os âmbitos da nossa vida: trabalho e carreira, negócios, casamento, saúde, amizade, envolvimento comunitário. Emoções positivas inundam o nosso cérebro com dopamina, serotonina (substâncias químicas) que nos fazem sentir bem, num estado de espírito positivo. Isso é, Felicidade é mais do que um estado de Espírito, ela requer prática e empenho, buscar objetivos de vida que façam sentido, identificar oportunidades no mundo, cultivar uma cultura otimista e de gratidão e manter relacionamentos sociais de valor. No gráfico abaixo, fica claro que 45,5% dos entrevistados se consideram felizes em seu ambiente de trabalho.



**Fonte:**Gráfico representa o resultado do questionário on-line aplicado no campo de pesquisa.

Vivemos numa sociedade intensamente preocupante, marcada por mudanças repentinas, conflitos e divisões sociais, na qual os desafios, dilemas e paradigmas são dos mais variados e complexos, principalmente quando nos deparamos com o exercício diário de nossa prática docente. O ser humano é um projeto de vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização.

O grande sociólogo Florestan Fernandes nos ensina que “a vida é uma verdadeira aula”, estamos sempre em busca de um ideal, mudamos o rumo das nossas vidas, trabalhamos, estudamos, construímos família, estudamos de novo, e que tudo isso pode se transformar de acordo com o seu tempo e todas as relações sociais, mostrando que devemos ousar e algum momento da nossa vida sair da teoria para a prática.

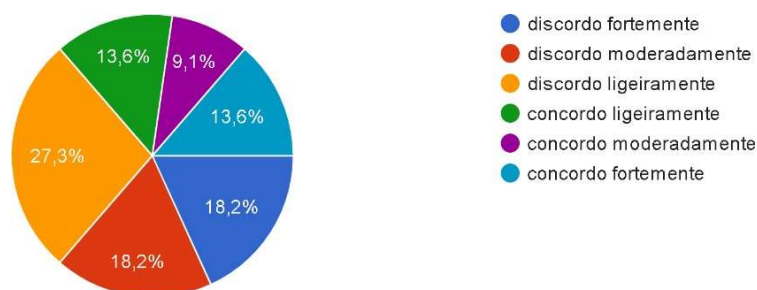
Diante dos paradoxos da felicidade vivenciados na contemporaneidade e na busca por respostas de diferentes dimensões em torno dela, evidencia-se, nesta pesquisa, assumir alguns pressupostos e práticas que nos levam a compreender o conceito de felicidade com mais complexidade, mesmo que esse conceito pareça ser, de certa forma, um conceito auto imposto por uma sociedade que está sempre em busca de algo para suprir, que necessita estar feliz em todos os momentos e a qualquer hora do dia, sendo isso o que nos move para que esta pesquisa consolide-se no meio do trabalho docente.

Pensando assim, o tema vem ao encontro das ciências sociais, para o entendimento e para a prática social, sem esquecer que não estamos pensando em uma cura para os males sociais, como alguns positivistas gostariam, mas em possibilidades de construção que dependem do esforço de outros atores em outras áreas e instituições da sociedade para uma vida boa e feliz.

## **Trabalhodocente:identidadeeinstituição**

Para gerar luz a este artigo, para fundamentar o campo da pesquisa que é trabalho docente, é fundamental que se defina o que é trabalho, trabalho docente e a constituição da identidade. No âmbito do trabalho docente, as insatisfações vividas pelos professores não se restringem apenas ao campo salarial e à carreira. As dificuldades decorrentes entre o que é estabelecido pelas políticas

educacionais, previstas em lei, que se desdobram nas orientações para o funcionamento da escola, no dia a dia, vivenciada no exercício da docência, é que o que muitas vezes contribui na construção da identidade desse profissional, contribuindo para um constante desconstruir de identidades. De acordo com o gráfico abaixo, é possível perceber que a maioria dos participantes entrevistados, 27,3%, não depende totalmente do retorno financeiro, apesar de alguns indícios de insatisfação em relação a realidade em que se vive no trabalho docente.



**Fonte:** Gráfico representa o resultado do questionário on-line aplicado no campo de pesquisa.

Conforme Pimenta (1999), “uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão e dos significados sociais a ela atribuídos pelas instituições sociais e políticas, pelos sistemas de ensino, pelas culturas geracionais, pelos pais, alunos e pelos próprios professores”. Ou seja, são saberes da docência que emergem da situação, vinculada na articulação dos saberes da docência, do pedagógico, do conhecimento e da experiência, dos fundamentos da identidade do saber ser professor.

Tardif reforça essa ideia, que o saber do docente é único e exclusivo dele e que está relacionado à sua identidade pessoal e profissional. Tanto que, em seus estudos, deixa claro que a existência dos saberes advém da formação profissional, disciplinar, curricular e experimental. Dessa forma, Tardif e Pimenta se aproximam muito da identificação desses saberes que acompanham a tarefa diária dos professores, do saber ser e saber fazer, adquiridos no contexto de sua história de vida, principalmente no exercício de sua função docente.

É válido destacar que, no exercício de sua função docente, Tardif (2003, p. 18) “esclarece que o saber dos professores é plural, composto, estratégico, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas (...) e de natureza diferente”. Ou seja, é temporal e fundamental para a realização do trabalho mais compartilhado, do ser, do saber fazer num todo integrado e humanizado.

Nesse sentido, ser professor requer a apropriação de conhecimentos para a formação de uma teoria da própria formação docente, pois não só apreende saberes, mas também os produz e vice-versa, através da ação prática educativa de seus anseios e experiências. Isso não pode ser ignorado,



precisa ser evidenciado que o professor não deixa de ser a pessoa que é quando assume a função docente, profissional, não deixa de lado seus saberes pessoais, de sua existência. A constante busca em compreender o ensino, em meio a tantas crises institucionais em que vivemos, pensar o ensino, o trabalho docente como um ofício. Isso nos leva a entender aspectos importantes, reconhecendo as diferentes dimensões como a trajetória de cada um, de trabalho em equipe, que não se limitam a essa crise, de dúvidas, anseios e incertezas, mas sim definem hoje a sua identidade e a sua profissão docente como vocação.

O trabalho efetua-se, torna-se objetivo na ação humana produtiva sobre a natureza. Essa circunstância deixa o indivíduo alienado de sua essência, perdendo as noções de controle sobre o processo produtivo e sustento da propriedade do seu trabalho objetivado, isto é, está estranhado do outro, da essência humana. Todo esse processo de alienação do ser humano de sua essência no sistema capitalista acaba gerando uma classe oprimida, desencadeando a miséria da classe trabalhadora.

Conforme Sennett (1999, p. 25), essa é uma era da “força dos laços fracos”, onde a separação e a fragmentação como condição social e existencial dos indivíduos fazem parte da nova estruturação sistêmica. Sennett analisa a que dadas relações “sólidas” como confiança, solidariedade e compromisso com o outro, entre os trabalhadores, que só se reforçam no tempo e no convívio constante. Para isso, intitula como “a corrosão do caráter”, experienciada na reorganização produtiva do capitalismo da atividade flexível.

Esse artigo traz também incursões de cunho político, quando se pensa no lugar político do trabalhador docente do educandário, pois o docente, antes de tudo, é um ser social, um cidadão que, para os parâmetros oficiais, imprime uma noção de pertencimento à coletividade, como também de participação consciente nos assuntos que são do seu interesse. Cabe, assim, aos docentes, enquanto agentes de transformação, conseguir captar o sentido da felicidade, das expressões sociais e digerir-las, convergindo em mudanças na mentalidade e conscientização, fazendo, assim, segundo sustenta Bourdieu (1977), das necessidades uma virtude.

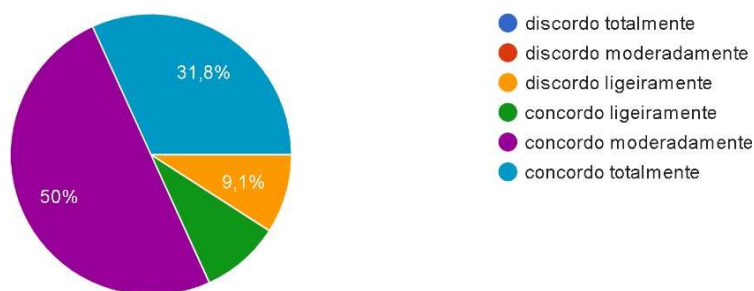
A escola pode ser vista como um espaço significativo, onde os docentes estão em constante diálogo, em constante busca pela sua identidade, do seu lugar, da sua felicidade. Desde sempre, a instituição escolar foi alvo de discussões e apontamentos que motivaram sua evolução e seu melhoramento, em todos os aspectos, principalmente no que diz respeito à condução do trabalho docente.

Contudo, pensa-se que o educador deve estender o seu olhar a si mesmo, as suas ações sobre aspectos e situações que refletem sobre a sua vida, seu bem-estar, pois o estímulo de novas aptidões torna-se processo essencial na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento

das novas situações que se colocam em nosso cotidiano, como a esfera salarial, por exemplo.

A partir desses pressupostos, a instituição escolar, através de sua política, integra a nossa vida na forma como vivemos e trabalhamos, onde acontecem os processos de interação social. A escola é um espaço permeado de conflitos, que, efetivamente, distancia-se do ideal democrático e apresenta historicamente um papel reprodutor das relações sociais. Dessa forma, novas maneiras de participação política devem ser pensadas e implantadas, levando em conta as amplitudes e especificidades das lutas democráticas atuais, greves, salários atrasados, da classe, do sexo, do ambiente de trabalho. Vive-se numa sociedade intensamente preocupante, marcada por mudanças repentinas, conflitos e divisões sociais, em que os desafios, dilemas e paradigmas são dos mais variados e complexos, principalmente quando se depara como exercício diário de nossa prática docente. O ser humano é um projeto de vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização.

Conforme o gráfico abaixo, 50% dos participantes se identificam na profissão dos sonhos.



**Fonte:** Gráfico representa o resultado do questionário on-line aplicado no campo de pesquisa.

De acordo com Freire (1994, p. 110), “O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade”. Entre algumas questões que contemplam a necessidade de refletir sobre a prática docente, de acordo com Freire, está a proposta de humanização do professor como norteador do processo socio educativo, pois a educação é uma forma de transformação da realidade em uma perspectiva de “ética universal”. Desse modo, os educadores devem objetivar uma postura ética, crítica, de bom senso, que contribua, assim, para uma ação transformadora de si mesmo e para o outro. Esse olhar na esfera do profissional docente é fundamental, pois visa fomentar o desenvolvimento de práticas de autorrealização mais humanizadora.

O bem-estar no trabalho, a felicidade, a satisfação encontram-se entre os debates que são pouco analisados por aqueles que se dedicam a pesquisar sobre a vida e trabalho dos professores. Assim, é possível pensar que, na perspectiva subjetiva da felicidade relacionada ao trabalho docente, ela é concretizada no modo que ele se encontra realizado em suas atribuições e condições

mais objetivas do seu trabalho diário. Porém, a atividade laboral do educador depende de um conjunto de especificidades, multiplicidades em cumprir metas, tarefas, exigências e acaba se distanciando, muitas vezes, de fatores como liberdade de expressão, ideias compartilhadas em grupo, reconhecimento profissional, direitos socioeconômicos, estabilidade, tempo de lazer, e outros tantos fatores, pois a dimensão subjetiva da felicidade é essencial ao bem-estar e realização no trabalho, sendo elas instrumentos positivos de habilidades, valores, crenças, aquilo que cada um carrega para sua vida.

Para pensar a questão da identidade dos educadores, as ideias de Sennet (2011) nos auxiliam a pensar um pouco sobre o estilo de vida dos professores, modo de vida, do que é ser professor num viés de consumo e lazer, e remete-nos a pensar para além da vida cotidiana, ao artífice e tensões no espaço de trabalho, no entender o artesão como um modelo de felicidade, como sujeito político e de bem-estar. O autor vincula essa ideia ao de um trabalhador parcial, flexibilizado, que exerce, a cada dia, uma função e não tem tempo para se especializar em algo para exercer suas habilidades, isto é, um trabalhador superficial, e que somente a partir do fazer profissional é que se tornaria uma pessoa completa aonde o mesmo se realiza, se reconhece e se torna, de certa forma, feliz.

Vale lembrar aqui que Bourdieu (2007) nos coloca sobre o ethos, do que é ser professor, sobre a realização de uma pesquisa de campo, dessa relação social que pode impactar nos resultados, a flexibilidade do lugar que cada um encontra dentro da instituição, como sistema de classificação, pois o autor se esforça em manter um conceito de “classe trabalhadora” por meio dos “batalhadores” em função dessa fragmentação da composição social, das análises, a partir da renda e de políticas públicas. Sem dúvida, é fundamental pensar para além da categoria do trabalho enquanto trabalho como um fator histórico da relação de uma classe social determinada com a totalidade social baseada em sua essência em busca de um bem-estar. Refletir sobre o papel docente e sobre a sua identidade é visto aqui como um autoconceito particularizado desse profissional, como uma condição humana, que se faz emergente, discernir sobre a individualização do professor, da profissionalização e superando as eventuais crises de identidade. Nesse sentido, é fundamental que o professor se veja como parte do contexto educacional, o melhor, como o próprio contexto, virtuosamente.

Desse modo, é preciso repensar sobre esses papéis, compreender essas identidades com um posicionamento de que os professores talvez sejam os únicos profissionais que possuem a capacidade de transformação na maneira de ver os fatos, com mais leveza, mais felicidade e menos competitividade. O trabalho docente diário carrega também lutas, frustrações, dificuldades, diferentes visões e experiências sobre o cotidiano do trabalho. O que constituiu o ser professor pode ter várias conjecturas e podemos reforçar o que foi defendido em outro capítulo deste estudo, no qual se busca

entender a satisfação do trabalho docente, da profissão e da felicidade fundamentados aqui neste texto.

A hipótese deste trabalho vem ao encontro da ideia de identidade e da condição humana, no qual profissões vinculadas ao serviço e ao cuidado humano estão fortemente baseadas em interações humanas, incluindo os professores. As referidas atividades desses profissionais podem ser impactadas por um conflito de sentimentos relacionados à formação, identidade e ofício do docente.

O docente precisa alcançar a sua autonomia dentro de sua prática, superar a lacuna que existe entre teoria e prática. Cabe a ele elevar a realização do potencial humano em seu exercício diário, ou seja, compreender a sua essência implica conduzir os processos de aprendizagem no sentido de levar à realização do potencial humano individual, tornando-se um ser útil à sociedade. Assim, essas discussões levam a compreender o papel do professor como profissional que propicia ao aluno a compreensão do papel que ele desempenha quando constrói o conhecimento da sua importância como ator social na reconstrução desses conhecimentos.

No espaço institucional, na escola, tendo em vista elementos conformadores de identidades, sempre complexas, plenas de tensões e contradições no percurso docente, que apontamos lugares ocupados pelos sujeitos de suas narrativas, é possível ver histórias de vida, fios que tecem as tramas sociais da vida de cada um. Nessa gama de incertezas, estão inseridos sujeitos que direcionam a sua própria história, tocam o seu próprio barco da vida e são referências que demarcam visões de mundo de quem passa o conhecimento e de quem o recebe. Ou seja, é possível relacionar essa noção de identidade com a de pertencimento do ser.

## Considerações finais

Estudar sobre o tema felicidade nas Ciências Sociais foi um tanto desafiador, pois, com uma infinidade de possibilidades, precisou-se delimitar o escopo dessa análise comum, recorte mais voltado à realidade do trabalho docente, discutindo a categoria felicidade nos discursos sobre o universo profissional, chegando até os capítulos acima descritos.

Este estudo teve como objetivo refletir e compreender as representações de felicidade que permeiam o trabalho de docentes da rede estadual de ensino no município de Agudo– RS. Foi possível evidenciar, através dos questionários on-line realizados com os sujeitos envolvidos, as condições de trabalho docente e a forma como elas impactaram nos níveis de felicidade a partir de categorias como o modelo salarial, do trabalhador docente, condições de trabalho desiguais, emoções, a concepção de felicidade de cada docente em seu bem-estar.

Analisando os resultados, acreditamos que a escolha em desenvolver este projeto se deu pela

necessidade de tentar compreender melhor esse ser educador com um olhar a partir do seu interior, da felicidade, da sua importância como ator social na reconstrução desses conhecimentos dentro do espaço de trabalho.

No entanto, é possível afirmar que o trabalho docente é uma oportunidade para que os indivíduos convivam e interajam uns com os outros, vejam sentido em suas ações, sintam-se motivados e felizes nas suas tarefas, percebendo os frutos de suas atividades como realizações positivas, como uma oportunidade de encontrar e sentir a Felicidade e bem-estar. Fica claro que, para os participantes, trabalhar é uma oportunidade de realizar algo com significado, e essa realização se conecta com as suas vidas no meio social num viés de estar fazendo o que escolheram fazer, refletidas em atividades que trazem bem-estar e felicidade. É evidente que o estudo sobre felicidade se mostra cada vez mais importante. As respostas do questionário foram analisadas, buscando compreender como seus aspectos aparecem de forma individual em cada gráfico. É importante ressaltar que foram obedecidos todos os procedimentos éticos requeridos para a pesquisa com seres humanos.

Assim, a partir dos resultados, compreende-se que os aspectos estudados indicam a importância do cuidado com o significado de cada profissão, de cada um acreditar ser importante para viver e trabalhar na sociedade atual, e, por sua vez, para a promoção de felicidade e bem-estar.

A partir dos níveis de felicidade, compreendemos que a essência da atividade docente implica conduzir os processos de aprendizagem no sentido de levar à realização do potencial humano individual, tornando-nos, assim, seres úteis à sociedade, mais felizes. Ou seja, através dos processos de interação social dentro e fora do ambiente de trabalho, podemos contribuir com o desenvolvimento da sociabilidade e da aceitação do outro, visto que, para respeitar as ideias do outro, inicialmente, precisamos saber compreender e ter a capacidade de distinguir o conteúdo de suas formas de se manifestar, de conviver, de trabalhar e, juntos, crescer como pessoas.

O estudo sobre felicidade aqui analisado perpassa por conceitos históricos, chegando ao conceito mais próximo na sociedade atual, sendo considerada como um valor extremamente importante, que é garantido por lei, a felicidade de cada indivíduo e sociedade. Por isso, o estudo da felicidade se mostra cada vez mais importante. As respostas do questionário foram analisadas, buscando compreender como seus aspectos aparecem de forma individual em cada relato. É importante ressaltar que foram obedecidos todos os procedimentos éticos requeridos para a pesquisa.

É perceptível que a escolha da profissão se dá especificamente pela afinidade, interesse e gosto pelo curso e, logo, pela profissão. Nesse sentido, perpassa pela ideia de felicidade o gostar do que faz, por escolha. Essa escolha faz toda a diferença, em se preocupar com o trabalho e profissão ideal como fonte de satisfação e de bem-estar. É visível que, na sociedade em que vivemos, com o

notório crescimento do capitalismo, conceitos como felicidade, bem-estar, felicidade, muitas vezes, estão atrelados ao poder aquisitivo maior, melhor profissão, ou seja, sinônimo de riqueza. Nesse sentido, o trabalho docente também busca se definir dentro desse parâmetro, e que, por sua vez, tenta constituir esse cenário de ser e fazer professor, como algo que lhe promova a felicidade como objetivo maior, de modo a atingir o bem-estar.

Revisitando as ideias de autores que fundamentam este artigo, com os resultados das análises, mobiliza-nos a pensar que vivemos em uma doutrina moral, em que o indivíduo necessita, para a visibilidade social, apresentar-se pleno, satisfeito e feliz, em que o acesso ao conforto, à satisfação dos prazeres passa a ser a principal motivação para a felicidade. Em uma das perguntas do questionário, sobre o uso de medicamentos, a resposta aponta para esse descontrole do uso de medicamentos, sendo a medicalização a saída encontrada para resolver as síndromes, pânico e depressões decorrentes não apenas do não saber lidar com situações diárias, mas também como uma forma de fuga de enfrentamento de problemas reais e aceitação social. Vale lembrar que um dos propósitos desta pesquisa é contribuir para a compreensão do sentido da felicidade e do bem-estar no trabalho docente, de promover uma análise mais aprofundada sobre o tema felicidade, ou a busca pelo entendimento de sua natureza no âmbito do trabalho docente com o objetivo de compreender como representações sobre felicidade impactam no trabalho docente.

Desse modo, a partir dos resultados analisados, aspectos bem específicos estão presentes nas respostas elencadas no questionário, indicando a importância deles para a ideia de felicidade pensada pelos sujeitos.

Como pano de fundo a ideia dos pensadores modernos e pós-modernos, fica evidente que o sentido da felicidade e do bem-estar reflete a produção dos sentidos na contemporaneidade, em particular os sujeitos desta pesquisa, que prevalece uma sociedade do “eu” que está em constante busca do bem-estar, da felicidade em suas conquistas e frustrações individuais. Ou seja, cada um é responsável pelas suas escolhas e necessidades. A sociedade atual enfatiza esta realidade, não são os bens materiais que nos diferem, mas sim os valores essenciais que nos fazem bem, que nos permitem uma independência, possibilidades de vivências e experiências de vida e trabalho.

Desse modo, a realização desta pesquisa colabora com as discussões atuais que norteiam o campo da educação no sentido que geram elementos de estudo e reflexão para compreensão da felicidade, trabalho docente, da identidade e bem-estar docente, que parte do princípio de que o docente estrutura e organiza a sua própria prática, como sujeito que atribui sentido de acordo com seus conhecimentos e sua existência. Pois, tal pesquisa almeja consolidar a tese de que a felicidade pode ser um modelo, um princípio que orienta práticas e condutas no trabalho docente pela ideia de felicidade, bem como nas representações que envolvem a vida dos sujeitos em sociedade.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir positivamente como referencial teórico para esse campo de pesquisa e incentivar pesquisas futuras sobre os potenciais benefícios das práticas da Felicidade que perpassam a lógica do Trabalho. Considera-se importante destacar que esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar os conceitos envolvidos ou propor a generalização das conclusões obtidas.

Entendemos que trabalho e felicidade andam de mão dadas, completam-se, pois, para estudar a felicidade, tanto na perspectiva individual quanto na perspectiva social, deve ser incluído o estudo da vida no trabalho. Ou seja, fica nítido que os participantes internalizam suas emoções e perspectivas no ambiente de trabalho como um modo de realização pessoal e missão de vida. De um modo geral, são profissionais que precisam ser incentivados e mobilizados com frequência e necessitam, antes de tudo, sentir-se parte do processo como um ser promissor em seu potencial, ou seja, sentir-se protagonista de sua trajetória de vida e profissional.

Todavia, estamos em busca de uma segurança, de uma situação mais estável dentro dessa sociedade líquida para assim poder sonhar com dias melhores. Além disso, pensar e compreender que dentro desse sistema, na sociedade líquida, nada permanece por muito tempo, vivemos em um mundo de constante transformação, por isso definir felicidade é um tanto complexo. A felicidade precisa ser conquistada conforme buscamos a nossa evolução ao mesmo instante em que estamos mergulhados num mundo que se transforma a cada momento.

Entretanto, esse debate aparece em um momento bastante diferente, em que estamos vivendo, período de pandemia, incertezas, demissões em massa, porém não é o foco da nossa pesquisa, mesmo porque ela já estava em andamento quando houve toda a reviravolta à qual fomos submetidos por conta da pandemia da COVID-19. Ficou tudo mais distante e todos os profissionais, mais uma vez, tiveram que se reinventar e trabalhar com alternativas a partir dessa pandemia que veio de surpresa e para a qual ninguém estava preparado.

Por fim, nessa lógica, para além das adversidades, levando em conta as categorias analisadas, a felicidade compreende uma transformação de cada um, no seu íntimo modo de ser e viver, e não como um caminho pronto, mas de resignificação do trabalho como um espaço possível de fazer a diferença no modo de ser feliz e ter um bem-estar independente de dinheiro, ou de bem material, conforme esta pesquisa demonstra.

## Referências

- ACHOR, S. *O Jeito Harvard de Ser Feliz*. São Paulo: Saraiva, 2012. BAUMAN, Z. *Ética Pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre; São Paulo: Zouk; Edusp, 2007.
- CREMONESE, D. *Ética e Felicidade: lições da filosofia antiga para uma vida boa*. Curitiba: Appris, 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e terra, 2008.
- GREVE, B. *Felicidade*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013.
- GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1991. GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*. Barueri: Manole, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PIMENTA, S.G. *Formação de Professores: saberes e identidade*. In: PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SOUZA, J. *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- VASCONCELLOS, C. S. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.



**Dejalma Cremonese**

Professor Associado I do Departamento de Ciências Sociais da UFSM  
Professor da área da Teoria Política UFSM  
Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
Email: dcremoisp@yahoo.com.br

**Daiane Maira Soccá**

Mestra pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na UFSM  
Especialista pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Sociologia para  
Ensino Médio pela UFSM  
Graduada em Sociologia e Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL  
Coordenadora Pedagógica – Secretaria Municipal de Agudo/RS  
Professora da rede Estadual e Municipal de Agudo/RS  
Email : daia.neuen@gmail.com